

O LOBBY DA FÉ

Com a sofisticação dos mecanismos de lobby nas diversas instâncias do poder político, aos limites de posturas que dizem respeito às demandas e anseios da população — como reforma agrária, melhorias nas condições de educação, saúde, emprego, segurança — soma-se a defesa de interesses de aumento (ou manutenção) de patrimônio dos grupos que parlamentares representam. A política não seria o céu, nem a casa de Deus. Contanto que se mantenha livre da "aparência do mal" (adultério, corrupção e mau testemunho), tudo vale, principalmente se for na surdina. Essa

atitude, com exceções, é assumida por grande parte dos políticos. Será que os parlamentares evangélicos também engrossam essa fila? CONTEXTO PASTORAL aborda o tema por meio de um painel, com abordagens ético-pastorais e do campo da ciência política. Páginas 5 a 8

Laprovita: "Vou defender os interesses da Igreja, claro".

Natal: a festa é possível

CONTEXTO PASTORAL traz nesta edição uma sugestão de celebração litúrgica para ser feita em família ou na própria comunidade religiosa. Página 12



'Privilégio' só não beneficiou a população

Evangélico desviou US\$ 63 mil, diz TCU

Marcelo de Oliveira / Imagens da Terra

Deputados evangélicos decepcionam os fiéis

Editorial

Fé que não é gratuita

Já faz pelo menos dez anos que a frase "Religião e política não se misturam" foi trocada pela frase "Irmão vota em irmão". Alguns chamados evangélicos descobriram que religião se mistura com política sim, e mais: religião influencia política e dela se beneficia.

Quem não se recorda da famosa bancada evangélica do Congresso Constituinte de 1986 que quase totalmente compôs o Centrão? Resultado: generosas concessões de rádio e TV para os "representantes" evangélicos. Quem não se recorda da manutenção dos cinco anos para Sarney na Presidência? Resultado: mais generosas concessões de rádio e TV. Quem não se recorda da ressurreição da Confederação Evangélica Brasileira, com um deputado evangélico na presidência, e das verbas não menos generosas a ela concedidas? Desde então muitas análises e reflexões já foram produzidas para entender esse processo que se transformou num fenômeno não só brasileiro mas latino-americano.

Como se comportam hoje os políticos evangélicos no Congresso Nacional? Como os evangélicos têm incrementado os seus mecanismos de lobby junto ao poder? Estas e outras questões foram propostas por CONTEXTO PASTORAL a pessoas que se dispõem a refletir sobre a aproximação do poder político e a fé e expõem suas idéias nas páginas de "Análise".

CONTEXTO PASTORAL publica, neste número, o suplemento DEBATE com uma reflexão que não pode mais escapar da pauta da atuação pastoral das igrejas no Brasil: o avanço da epidemia da AIDS. A doença completou quinze anos sem indicações de regressão, atingindo um número cada vez mais crescente de mulheres e crianças, além dos grupos já considerados "de risco". Os portadores de HIV são pessoas que carecem de solidariedade, com atos que vão do consolo ao socorro material. O desafio é grande para as igrejas, na medida em que até entre os eclesiásticos a AIDS já se faz presente. DEBATE levanta as questões emergentes na relação AIDS e igrejas e partilha os resultados da consulta promovida por KINONIA no mês de novembro.

Natal é tempo de celebração da VIDA. CONTEXTO PASTORAL oferece à comunidade de amigos leitores uma sugestão de celebração litúrgica e o desejo de que a PAZ e o AMOR que cercam esta data sejam uma realidade neste final de 1995 e no ano novo que se aproxima.



CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral de KINONIA Presença Ecumênica e Serviço (Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230, Rio de Janeiro/RJ. Tel. 021-224-6713 e fax 021-221-3016) e do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais - CEBEP (Rua Rosa de Gusmão, 543 - 13073-120, Campinas/SP. Tel. e fax 0192-41-1459).

Coordenadora da Unidade de Comunicação de KINONIA Magali do Nascimento Cunha

Coordenador geral do CEBEP Luiz Carlos Ramos

Conselho editorial

José Bittencourt Filho

Clóvis Pinto de Castro

Marcos Inhauser

Rafael Soares de Oliveira

Editor
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Editores assistentes
Beatriz Araujo Martins
Jether Pereira Ramalho
Editora de arte e diagramadora
Anita Slade

Redator
Carlos Cunha
Secretaria de redação
Beatriz Araujo Martins

Fotolito e impressão
Tipográfica Comunicação Integrada
Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 2,00

Assinatura anual
R\$ 10,00

Assinatura de apoio
R\$ 15,00

Exterior
US\$ 15,00

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens, análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito mais para você ficar por dentro do contexto. Uma publicação conjunta de KINONIA Presença Ecumênica e Serviço e Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP).

Assinatura anual: R\$ 10,00

Assinatura de apoio: R\$ 15,00

Exterior: US\$ 15,00

Número avulso: R\$ 2,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheques nominais para KINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral - Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.

CARTAS

Escreva para KINONIA Presença Ecumênica e Serviço — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ

Aos responsáveis do CONTEXTO PASTORAL,

Recebi o exemplar do CONTEXTO PASTORAL numa reunião do Mofic, do qual participo desde sua organização. Li atenciosamente todo o conteúdo do nº 27 (julho/agosto de 95). Fez-me bem. Desde meu tempo de seminário, interessei-me pelas questões missiológicas. Deus me deu a bênção de ser missionário em Portugal, de onde fui expulso duas vezes por Salazar. Fui secretário-executivo da Junta de Missões Estrangeiras da IPB até que esta me afastou, principalmente por ser ecumênico. Felizmente várias experiências no minisitório e magistério deram-me nova visão a respeito da obra missionária. Estou remetendo cheque do Banco do Brasil para minha assinatura de apoio.

Grato,
Theophilo Carnier
São Paulo/SP

Amigos do CONTEXTO PASTORAL,

Estou enviando a taxa de assinatura porque desejo continuar recebendo CONTEXTO PASTORAL pela grande utilidade que tem para o meu trabalho bíblico com as mulheres. Além disso, gosto das reflexões para meditação.

Obrigada por não terem deixado de enviar-me o CONTEXTO PASTORAL.
Teolide P. Turcatel
Medianeira/PR

Prezados membros da equipe de redação e edição do jornal CONTEXTO PASTORAL,

Como colaboração espontânea estou-lhes enviando pequena reflexão para possível publicação. Quero dizer que foi muito bom o conteúdo do número 27 (julho-agosto). Continuem aprofundando a linha ecumênica para além das fronteiras das cúpulas eclesiásticas. Vale a pena.

Muito fraternalmente,
Marcelo Oliveira
Recife/PE

Aos diretores do jornal CONTEXTO PASTORAL,

A edição que vocês preparam sobre renovação litúrgica veio de encomenda para nossa comunidade. Temos debatido esse assunto e o material nos serviu como subsídio para as discussões e aprofundamentos. Desejo que continuem a trazer análises importantes para os cristãos e as igrejas, como essa a respeito da liturgia.

Na paz de Cristo,
José Antonio dos Santos
Rio de Janeiro/RJ

O DESAFIO DO DIÁLOGO COM OUTRAS RELIGIÕES

ENTREVISTA COM GUILLERMO COOK
Por Paulo Roberto Salles Garcia

Sob o tema “Chamado a uma só esperança: o Evangelho nas distintas culturas”, vai acontecer em novembro do próximo ano a Conferência Mundial de Missão e Evangelização, promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas, com a presença de aproximadamente quinhentos delegados das Igrejas-membros, além de observadores de outros grupos, como pentecostais, evangélicos e católicos. Para falar sobre o evento e sobre os desafios que a temática traz aos cristãos, CONTEXTO PASTORAL ouviu o pastor metodista argentino, Guillermo Cook, coordenador geral da reunião.

Quais as principais questões da Conferência?

Há quatro subtemas. O primeiro é o conteúdo do Evangelho. Estaremos sempre acompanhados de estudos bíblicos sobre o livro de Atos dos Apóstolos que vão refletir sobre como a Igreja primitiva enfrentou a problemática cultural. Ainda nessa parte teológica, vai haver uma seção sobre diálogo com culturas e religiões diferentes. Outro subtema analisará como a Igreja se comporta em contextos de pluralismo cultural. O terceiro subtema dirá respeito ao testemunho em comum entre cristãos e não-cristãos. Finalmente, o quarto subtema vai tratar das implicações pastorais de tudo isso para a Igreja.

Quais os possíveis desdobramentos do fato de a Conferência ser realizada no Brasil — e especialmente em Salvador?

Houve várias considerações. Uma delas foi o fato de a Bahia ser o lugar mais africano da América. Isso é muito significativo. Possivelmente haja um ato solene no Solar da União, em que as pessoas não vão pedir perdão ou demonstrar arrependimento, mas escutar os africanos da África, com suas esperanças e frustrações, assim como ouvir os pertencentes aos cultos afro-brasileiros. Não será um momento de confronto, mas de aceitação mútua e de diálogo entre cristãos e pessoas de outras religiões.

E a participação dos afro-brasileiros?

Isso é conflitivo para muitas pessoas, tanto no meio católico como no meio protestante. Chegamos à conclusão de que o máximo que poderíamos

fazer seria convidar esses grupos a participarem da Conferência como observadores, mesmo sabendo que nem todos gostam. Alguns grupos dialogam mais, enquanto outros são mais agressivos. Por isso, pretendemos realizar uma consulta informal em Salvador, após a Semana Santa, com líderes afro-brasileiros, para discutir a conferência e antecipar possíveis confrontos.

A Conferência traz algumas expectativas sobre a posição das igrejas do Brasil ante as religiões afro-brasileiras?

Pessoas já advertiram que o Conselho Mundial de Igrejas não deve criar problema para as igrejas do Brasil, com a realização da Conferência, e depois deixá-las embaraçadas. Não podemos ficar estagnados e aceitar o *status quo*, mas ir um pouco mais além, sem, evi-

cioeclesiastical, e a outra dedicar a atenção especial à realidade cultural. A comissão preparatória nacional deseja que esses eventos sejam participativos e que contextualizem a reflexão.

Que desafios, sob o ponto de vista teológico e do movimento ecumênico, essa discussão sobre Missão e Evangelização traz?

Há vários. Um deles é que o movimento ecumênico formal é bem pequeno no Brasil. Por isso temos insistido na participação e representatividade de pentecostais progressistas e representantes do mundo evangélico. O ecumenismo não pode ser limitado às igrejas que fazem parte do Conselho Mundial de Igrejas. Queremos essa perspectiva e desafiar as igrejas do Brasil a entenderem que a realidade ecumênica é bem maior. Outro desafio é para que as igrejas assumam mais criativamente a tarefa de missão e evangelização com muito respeito diante de outros grupos religiosos. Precisamos entender a cultura e ser fiéis à nossa visão cristã, e respeitar a visão do outro, escutá-lo, a fim de promover uma unidade maior.

Como evangélico, como se sente em participar da estrutura de um evento de natureza ecumênica organizado pelo CMI?

Quando fui chamado para organizar CLADE III (Congresso Latino-Americano de Evangelização), algumas pessoas questionaram minha participação porque disseram que não era evangélico. Agora que estou no CMI, o rótulo é de que sou evangélico. Tudo depende da perspectiva. Não me sinto confortável com rótulos. Sou muito ecumênico, mas para mim o ecumenismo é muito mais vasto e amplo que o Conselho Mundial de Igrejas. Convidaram-me para coordenar a Conferência, entre outras razões, porque tenho participado do mundo evangélico e consigo fazer pontes entre os grupos. Aliás, o meu paradigma são as pontes. Uma ponte precisa estar bem firme nas duas extremidades. Disse a meus colegas evangélicos que nós, quando estamos evangelizando ou dialogando com quem nem sempre concordamos, construímos a ponte até certo ponto e esperamos que o outro pule para o nosso lado. A mesma coisa fazem os ecuménicos: constroem a ponte até certo ponto e o outro tem que pular. A ponte tem que estar construída nos dois lados,

para que haja tráfego. Isso é verdade com os afro-brasileiros, com os indígenas. Se não for assim, não há diálogo. Ponte não existe se a construção não vai de um lado a outro.

Como imagina que se dará o diálogo dos evangélicos com o movimento ecumênico?

Sinto às vezes que num último momento eles vão recuar. Até agora, principais lideranças têm expressado seu apoio, como os pastores Caio Fábio D'Araújo Filho e Ricardo Gondim. Há a dificuldade deles com relação às suas comunidades, no sentido de ter problemas conforme as posições que assumam e aceitem o que será refletido na Conferência. As reuniões do movimento evangélico são diferentes, com ênfases em palestras de grandes líderes e oradores. Como no caso das conferências do CMI, os discursos são em número bastante menor, integrar as pessoas, que estão acostumadas a ser estrelas, numa participação menos destacada, sem voz e sem voto, é difícil e requer humildade. A propósito, se acreditamos na unidade da Igreja, os ecuménicos devem ir um pouco mais além do que estamos acostumados para entender as inquietações dos evangélicos, e estes devem deixar de lado um pouco o esquema de “caciques” pelo qual cada um tem o seu reino. É muito importante que a voz dos evangélicos esteja lá e que eles se integrem para poder aprender e também discordar.

E o enfrentamento dos evangélicos com o tema da cultura e Evangelho?

Não será fácil, pois apesar de eles lidarem com o tema da cultura, o fazem no contexto de missões transculturais, isto é, levar o Evangelho a outras culturas. Mas refletir a partir da própria cultura e perceber-lhes os erros, é bem mais difícil. Especialmente porque os carismáticos e os pentecostais vêem os cultos afro-brasileiros como algo demoníaco. Antes de rotular, é fundamental conhecer de perto e escutar o que esses grupos têm a dizer. Mesmo que haja discordâncias sobre aspectos da religiosidade afro-brasileira, é importante reconhecer que eles têm direito à sua religião. E se nós vamos procurar comunicar Cristo a eles, temos de deixar que eles comuniquem sua religião a outros. É fundamental que estejamos abertos, porque com isso fortalecemos nossa fé cristã.



Luis Carlos Ramos

Educação e igrejas brasileiras

A Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã (Celadec) acaba de publicar o livro "Educação e igrejas brasileiras — um ensaio ecumônico". Ele é resultado de um projeto de pesquisa, de caráter ecumônico, do qual participaram representantes de seis igrejas. A primeira parte do livro aborda aspectos históricos e teológicos da temática do ministério educacional nas igrejas, enquanto a segunda traz conclusões da pesquisa de campo realizada. O coordenador de Celadec/Região Brasil, professor Remi Klein acredita que o livro forneça "subsídios que auxiliem as nossas igrejas em seu planejamento na educação em geral e na educação cristã em especial".

Igrejas discutem o tema da Aids

Representantes das igrejas Católica Romana, Comunidade de Jesus, Episcopal Anglicana, Evangélica de Confissão Luterana, Metodista, Presbiteriana do Brasil, Metodista Livre, Presbiteriana Independente e Presbiteriana Unida, além de integrantes dos Conselhos Latino-Americano de Igrejas (Clai) e Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e observadores de entidades de apoio a porta-

A CAMINHO DO 9º INTERECLESIAL DE CEBs

Tema está sendo aprofundado em reuniões preparatórias

As Comunidades Eclesiais de Base de todo o Brasil continuam se preparando para o 9º Encontro Intereclesial, que será realizado em São Luís do Maranhão, em julho de 1997. Sob o lema "CEBs: Vida e Esperança nas Massas", estão sendo aprofundados vários aspectos da relação entre a vivência comunitária da fé e a grande massa da população brasileira. Neste sentido, serão enfocadas a exclusão social, a massificação religiosa (tanto no catolicismo popular como no pentecostalismo) e cultural (por intermédio dos meios de comunicação de massa), além de outros aspectos pastorais.

Várias reuniões já ocorreram nos níveis locais, dioces-

dores do vírus HIV, participaram nos dias 10 e 11 de novembro em São Paulo da Consulta sobre Aids e Igrejas, promovida por KOINONIA Presença Ecumônica e Serviço. O objetivo foi trocar experiências sobre os trabalhos que as igrejas desenvolvem nessa área e estabelecer estratégias

9º ENCONTRO INTERECLESIAL
SÃO LUIS-MA.
15 a 19 de JULHO 1997



CEBS VIDA + ESPERANÇA
NAS MASSAS

anos, regionais e nacional. A Comissão Ampliada Nacional se reunirá em fevereiro, nos dias 1º a 6, em Goiânia, em conjunto com os assessores e as assessoras do Intereclesial, para aprofundamento da temática. Há, neste grupo, a participação de pessoas das igrejas evangélicas e anglicana, tendo em vista a dimensão

ecumônica dos Intereclesiais. Para 1997, no Maranhão, mais uma vez espera-se uma participação expressiva de irmãs e de irmãos evangélicos de todo o Brasil e das diferentes igrejas, como sinal do espírito de unidade no meio do povo. Maiores informações: Secretariado do 9º Intereclesial (Rua da Cruz, 62. Centro. 25001-970. São Luiz/MA. Tel.: (098)232-8316)

Conic e Clai apóiam participação ecumônica

Em carta aberta "ao povo de Deus", os Conselhos Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e Latino-Americano de Igrejas (Clai) saudaram os preparativos para a realização do 9º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (São Luís, MA, julho/1997).

As duas entidades ecumênicas destacaram que "têm acompanhado com entusiasmo" os encontros já realizados e expressaram o desejo "de que o evento seja um espaço para celebrar e reforçar as nossas experiências de unidade em Cristo Jesus".

A nota assinala com destaque a importância do diálogo e convívio ecumônico, principalmente com a participação de evangélicos num evento da Igreja Católica. "De maneira especial a participação de irmãos e irmãs evangélicos nos encontros anteriores tem sido uma afirmação desta saudável e desafiadora vivência ecumônica", acentua, acrescentando o apoio "às pessoas e comunidades das diversas igrejas cristãs que têm participado desse processo. "E na diversidade que, em Cristo, glorificamos a Deus", conclui a nota.

ESPAÇO DO LIVRO

QUERIDO DEUS

Um dos grandes legados de Martim Lutero para os cristãos é a prática da oração, consequência de uma nova compreensão de Deus. Na época de Lutero, pregava-se um Deus distante, vingador, juiz, que causava medo nas pessoas. Lutero descobriu que Deus é fundamentalmente um Deus misericordioso, próximo e justo, com o qual a pessoa pode se relacionar de forma amorosa.

A intimidade entre Deus e a pessoa possibilita a prática da oração. Orar é conversar com Deus, e com ele pode-se conversar sobre todas as situações e a todo momento. Lutero viveu e ensinou a correta oração, como disse seu

companheiro e reformador Felipe Melanchton.

Muitos cristãos têm dificuldades com a oração. Nesse sentido, esta coletânea de orações de Martim Lutero, selecionada e traduzida pelo conhecido historiador Martin N. Dreher, quer nos levar ao encontro e à conversa com Deus e servir de estímulo para que oremos também com as nossas próprias palavras.

Dica de leitura

QUERIDO DEUS!
Coletânea de orações de Martim Lutero
Seleção e tradução: Martin N. Dreher
1993, Editora Sinodal, 57 páginas

conjuntas. Nesta edição do suplemento DEBATE, cobertura completa do evento e principais reflexões e recomendações apresentadas.

Povos indígenas do Ceará ameaçados de perder terras

A falta de demarcação das terras e as ameaças de morte, perseguições e prisões foram denunciadas em documento final por oito povos indígenas do Ceará — num total de cem participantes — que se reuniram de 25 a 27 de outubro em Maracanaú (CE) na 2ª Assembléia Geral de Lideranças Indígenas do Ceará. "Através de nossa luta, as lideranças dos povos Genipapo-Kanindé, Pitaguary, Tapeba e Tremembé de Almolafá vêm sendo ameaçadas de morte, de prisão, porque tomamos posição nas nossas áreas para proteger o meio ambiente, a natureza e a nossa própria vida", salienta a nota.

Além de outras dificuldades apontadas, a carta dos povos indígenas chama a atenção para a mudança no decreto sobre a demarcação de terras que o governo federal pretende fazer. "Esse novo decreto vai

prejudicar a demarcação de nossas terras porque desrespeita o direito que temos garantido pela Constituição de 1988", informa a nota. O documento lembra ainda que algumas áreas, apesar de já demarcadas, têm sido invadidas por posseiros, empresários e até pelo governo.

Simpósio discute ajuste neoliberal no Cone Sul

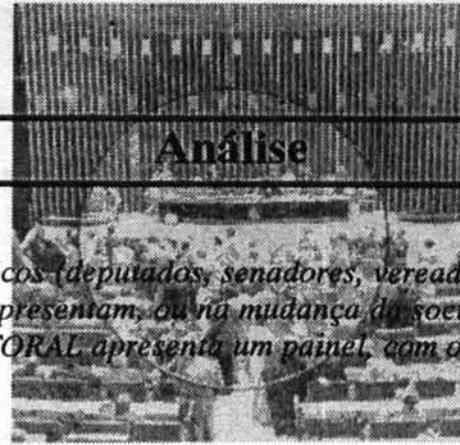
Possibilitar uma constatação mais direta dos efeitos das políticas de ajuste sobre as populações dos países do Cone Sul e perceber os movimentos de resistência, enfrentamento e alternativas de novas visões estratégicas para os excluídos e as classes populares. Com esse objetivo, representantes de lideranças sindicais, do movimento social, das igrejas e de ONGs do Brasil e do exterior estiveram reunidos no Rio de Janeiro entre os dias 30 de outubro a 1º de novembro no Simpósio "Ajuste neoliberal, integração regional e os povos do Cone Sul". O evento foi uma iniciativa de KOINONIA Presença Ecumônica e Serviço, e Políticas Alternativas

para o Cone Sul (PACS), com o apoio dos Conselhos Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e Latino-Americano de Igrejas (Clai).

O simpósio foi uma oportunidade para que as diferentes realidades do processo de globalização fossem compartilhadas pelos participantes. Na Argentina, por exemplo, os índices de desemprego aumentaram significativamente (passaram de 4% nos anos de 1980 para 18% hoje). No Brasil desde o governo Collor — e recentemente com o Plano Real — uma série de medidas de cunho neoliberal foram implementadas na economia brasileira entre as quais se incluem redução de consumo, corte de gastos públicos e liberalização do comércio exterior.

Ao final do encontro — que discutiu também a situação do Mercosul —, ficou decidida a continuidade do processo de discussões sobre os ajustes decorrentes da doutrina neoliberal. Já está prevista para o ano que vem a realização de outros dois simpósios, cuja temática deverá incluir a modificação das relações de trabalho nos países do Cone Sul.

A serviço de quem atuam os parlamentares evangélicos (deputados, senadores, vereadores, prefeitos)? O interesse está calcado no aumento — ou manutenção — do patrimônio dos grupos que representam, ou na mudança da sociedade em busca da melhoria das condições políticas, sociais, econômicas da população? CONTEXTO PASTORAL apresenta um painel, com opiniões de gente de expressão no cenário político, religioso e acadêmico.



A classe evangélica vai ao pa(lácio)raíso

Robinson Cavalcanti

"Não farás para ti imagem de escultura, a ela não adorarás... nem a ela chutarás" (Mandamento revisto e atualizado)

A gente sempre foi a favor de mudanças, mas quando elas chegaram não conseguimos nos alegrar, pois não era bem isso que a gente estava querendo. A religião está em toda, mas não exatamente do nosso jeito.

Os Estados nacionais estão sendo reduzidos a esferas geográficas do mercado global, e — à semelhança das Ligas de Domínio — possuem carteiras de sócio, bandeiras, estatutos, hinos e presidente com sorriso de aeromoça saindo por aí à cata de grana. Cada vez menos os ainda cidadãos se ufanam de suas cidadanias.

O marco parece inevitável: a CNN, a Internet estão aí; MacDonald's idem. O novo santuário de peregrinação da geração *shopping center* não é Lourdes ou Meca, mas Orlando, Flórida.

O globo torna o Estado inexpressivo e a nacionalidade sem sentido, mas o globo é grande demais. O micro é o contraponto simbólico ao global.

"Quem sou eu?". "Sois croata, sois negro, sois nordestino, sois torcida do Flamengo, sois crente".

Todos estamos sendo retribuídos. Tribos ancestrais ou novas tribos.

Sofrido esse homem pós-moderno, empanturrado da parafernália tecnológica de última geração e com a cabeça exposta às idéias das gerações pretéritas.

O ainda oprimido é um sortudo em uma época de excluídos, os parlamentares, casas homologatórias da vontade do Zeus executivo, e este, ventriloquo de Mamom. Associações de moradores que cada vez menos associam, sindicatos debilitados, ONGs anêmicas, desorientação geral, falta de perspectiva e de esperanças.

A barra está pesada. Não se vê luz no fim do túnel. No lugar das utopias, a crueldade das topias neoliberais. No lugar de sonhos, pesadelos. Cada um por si e o diabo por cada um.

Não há outra saída: "Chamem Deus de volta".

O extremo é belo

Fugir é preciso. Para dentro, para "o Deus que habita em você", no solilóquio da alma, na radical ruptura do associativismo e da solidariedade. Os velhos búzios, os velhos astros, as velhas pirâmides pedem passagem, com a desacreditada superstição prestigiada como esoterismo.

Há misticismo para todo o gosto. Nunca a razão esteve tão por baixo.

Certezas. Eu preciso de certezas, mesmo que sejam falsas", é o grito de desespero do homem pós-moderno diante da dor da dúvida e da incerteza. Pensar só. Busca-se a *fast idea*, solúvel, instantânea. Os macetes da autoajuda enriquecem... os escritores.

Os guias iluminados estão aparecendo por toda parte. A palavra de ordem é o esmagamento do diferente e do divergente. Moderação é fraqueza. A teocracia está de volta. O antigo é visto como eterno. O mofo é belo.

Certeza mesmo é livro ditado do céu e de compreensão evidente, via fax do anjo Gabriel. No amplo fenômeno de recorrência cultural, esse é o momento para os fundamentalismos, os sectarismos, os extremismos.

Não há lugar para teologias, escatologias ou éticas, o que se quer é resultado.

Estado de direito é heresia; democracia, perfumaria. O *lúmpen* foge da luta pela reza ou entra na luta rezando, na nova estética da violência.

Tesoureiros do Céu

Da Primeira Missa ao Último Baile (1500-1989), trono e altar foram íntimos, Cruz e Espada, Fé e Império, no monopólio estatizante da religião romana.

República é desregulamentação, privatização. As microempresas religiosas vão-se estabelecendo com o apoio das "centrais" da fé d'álém-mar ou d'álém-Canal do Panamá. Como coisas miúdas não ameaçavam a reserva de mercado da antiga estatal. O diabo é agora esse tal de multiculturalismo, de pluralismo. Tem grupo e corrente para todo o gosto e ninguém tem controle do mercado. A livre iniciativa religiosa deu certo entre nós (em se plantando tudo deu).

Essa travessia para o diverso é sempre dolorosa: os que mandavam ontem esperneiam na defesa dos seus privilégios e direitos adquiridos; os novatos não têm outro modelo senão o velho mandonismo. No lugar do plural, querem mesmo é trocar de lugar e tomar o bastão.

Pluralismo é tensão permanente, confronto, negociação, cooperação, tudo ao mesmo tempo, dependendo da ocasião.

Os parceiros estão despreparados. O sopro primaveril do Concílio Vaticano II e de Lausanne I deram lugar a calmarias que não empurram caravelas, ou tempestades que ameaçam virar a(s) nau(s) de Pedro (?). Com os meninos diocesanos escalados pelo técnico polonês, de um lado, e os meninos sacoleiros escalados pelo técnico da funerária, do outro, o clima das torcidas não é dos mais amenos.

E, nem só os cearenses gostam de rede: Globo, Record, Vida, se estranham, pois os espaços, os patrocinadores e a audiência são o *locus* para essa guerra nada santa.

A eficiente cobertura de jogos da Bandeirantes foi para o espaço diante do lançamento do novo esporte: "iconobol" (vulgo "chute na santa").

As massas, como no episódio da proclamação da "ré-pública", a tudo assistem bestializadas, ou manipuladas, confusas, diante da velha crença de que "Deus é brasileiro". A tesouraria do Céu, contudo, parece ser.

No regime dos homens

Enquanto ainda se vota, as antigas turmas do entusiasmo lingüístico vão eleger os seus deputados-despachantes, ajustados à mundanidade do clientelismo, sinal de um movimento de *mobilidade social* ascendente, de inclusão, de busca, também, de um lugar no reino da Terra, enquanto a trombeta não tocar.

Espaços não se ganham, se conquistam.

Valores do Reino de Deus? O que é isso, companheiro (irmão)?

Ideologia? Partidos são detalhes e nada mais. Filhos do Rei, curtamos a prosperidade a que temos direito. Os "filhos das trevas" que ensaiem e antecipem o inferno que os espera.

As antigas turmas do entusiasmo lingüístico e as históricas turmas dos patinadores no gelo já demonstraram sua flexibilidade: sabem se dar bem tanto na ditadura quanto na democracia. Regime é detalhe, o importante é o jejum... político... para os adversários.

Enquanto isso, as novíssimas turmas do entusiasmo terapêutico — teocratas de carteirinha — esperam a morte da democracia, praticando o "entrismo" para implodi-la, como santos (?) cavalo de Tróia. As instituições que se cuidam, pois no seu fanatismo verde-amarelo antevêem o gozo da nossa nova terra prometida, quando tirarmos de circulação os romanistas, os macumbistas, os maçons e os gayistas.

Constatações sinceras

- Este é um tempo "religioso", mas de uma barafunda tremenda.
- Na América Latina o "catholicismo de substituição" (Bastián), apelidado de "comunidade evangélica", cresce vertiginosamente, resgatando a pré-modernidade'.
- Esse "protestantismo sem história" é neoconstantiniano e teocrático, enquanto advoga teoricamente o pré-milenismo e a alergia à política, vai-se acercando clientelisticamente do poder, segundo a única cultura política que conhece.
- Enquanto não se controla o aparelho do Estado, tiram-se vantagens como processo de ascensão social e ocupação de espaços.
- O papel dos parlamentares protestantes — candidatos oficiais ou oficiosos — é exatamente esse: o serviço ao corporativismo.

Ética social? Promoção dos valores do Reino e coisas tais não fazem parte do seu imaginário triunfalista. Deficiência teológica ou "o espírito do capitalismo" primitivo?

Enquanto o paraíso não chega, o palácio serve.

Robinson Cavalcanti, ministro anglicano e cientista político, é diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

O bom e o mau uso da fé

Wasny de Roure

O momento nacional exige a contribuição criativa de todos os segmentos da sociedade. O povo chamado evangélico, como expressivo segmento da sociedade brasileira, e, na riqueza de sua diversidade, pode e deve desempenhar um papel ainda maior. Muito temos para dar e muito para receber dentro do ideal cristão de serviço. E servir aos outros é doação e aprendizado. Especialmente na política.

Na política a prática evangélica tem-se manifestado de maneira mais negativa do que positiva nos últimos anos. No passado tivemos poucos políticos evangélicos, e todos eles oriundos das denominações protestantes: batistas, presbiterianos, metodistas, etc. Eram políticos íntegros, e alguns deles destacaram-se no cenário nacional com grande contribuição. Nos meios evangélicos enfrentavam o preconceito ideológico de que a política “é coisa do diabo”. Com a abertura democrática após a ditadura militar, e, de um modo especial, na eleição da Assembléia Constituinte, houve um despertar político entre os evangélicos, notadamente nas denominações pentecostais. Dois motivos contribuíram para esse despertamento: uma reação contra a hegemonia da Igreja Católica que se poderia aproveitar da Assembléia Constituinte para voltar a ser a religião oficial do País; e, sem dúvida, a descoberta de que, com o crescimento rápido dos evangélicos, surgia uma nova força política capaz de um dia eleger um presidente da República. A bancada evangélica cresceu no Congresso Nacional e nas assembléias legislativas. Consequentemente foi surgindo o “lobby da fé”. Todavia, nessa tentativa de assédio ao poder político, sofremos grandes golpes.

As maiores bênçãos, por uma leve perversão, transformaram-se em grandes maldições. O sol dá calor e produz vida, mas as insolações matam. O alimento sustenta a vida, mas, se contaminado, pode tirá-la. Assim também em relação à fé. Por uma pequena perversão ela se transforma em legalismo, fanatismo e sectarismo. “O justo viverá pela fé” — eis uma declaração fundamental na Bíblia. Há, porém, os que usam da fé para viver e para se promover, e até para oprimir. Na questão dos cinco anos para Sarney, na eleição de Collor e na CPI do Orçamento foi constatada essa perversão em muitos parlamentares e instituições evangélicas. Houve promiscuidade no assédio ao poder.

Eis algumas razões que causam tal perversão: (a) um tipo de espiritualidade que não afeta todos os setores da vida e produz uma religião sem ética; (b) a prática da filosofia de que o fim justifica os meios; (c) o crescimento quantitativo sem o necessário aprofundamento qualitativo; (d) uma ambição pelo poder político que seduz boa parte dos evangélicos em detrimento da dimensão bíblica de serviço; (e) a prática da teologia da prosperidade; (f) a ausência de uma democratização na maioria das igrejas; (g) e a falibilidade e a vulnerabilidade do ser humano — e o evangélico é humano. Estas razões precisam ser analisadas, e é o que faremos a seguir.

Os pecados da ambição

A fé cristã afeta todas as áreas da vida. Não departamentaliza a vida entre o que é sagrado e o que é profano. Tudo sobe ao plano do sagrado. Não se preocupa apenas com o céu, mas principalmente com a terra. A sua oração central é o “Pai Nosso”, que une as coisas de Deus (o seu santo nome, o seu reino, a sua vontade, a sua glória) com as coisas do homem (o pão, o perdão das dívidas, os relacionamentos, a fraqueza diante do mal). Além do mais, a fé cristã é essencialmente ética. Tão ética que para ela os meios determinam o fim. assim nos demonstrou o Senhor Jesus que, buscando o fim da redenção do homem, escolheu o meio do amor que se põe a serviço, recusando as tentações demoníacas do caminho do poder que oprime, da violência e da manipulação das massas. Portanto, o roubo, a mentira, a esperteza não se justificam para se promover a Causa Santa. Deus é santo e exige santidade do seu povo. Baal/Satanás é o deus da permissividade.

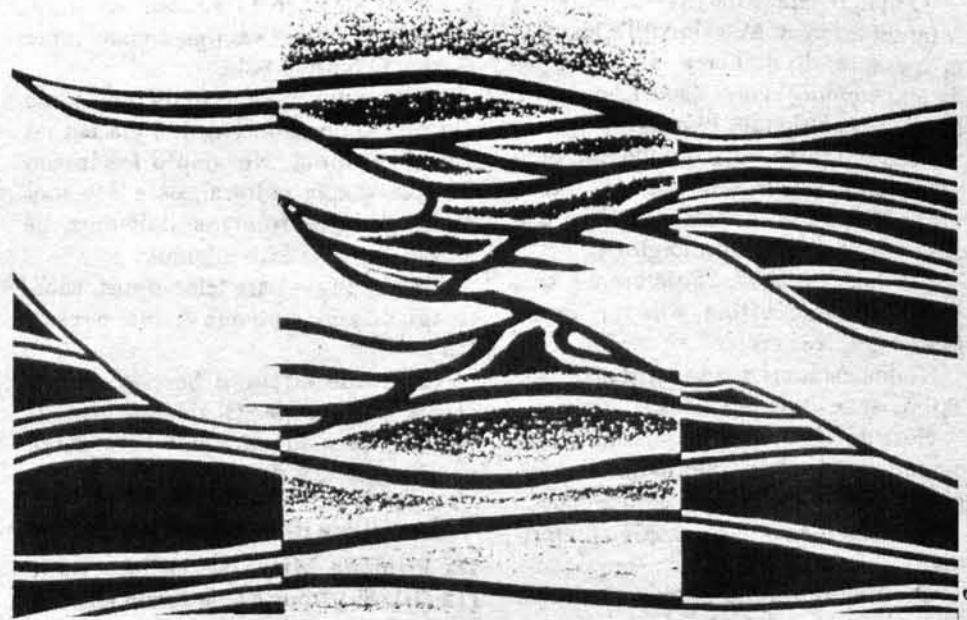
O acelerado crescimento dos evangélicos no Brasil tem provocado um decréscimo de qualidade. Não que a quantidade em si seja um mal. Deus não quer que ninguém se perca. É que tão importante quanto o pescar/evangelizar é o tratar do peixe/discipular. Tão importante quanto a adesão à fé é a conscientização prática da fé. Por causa do crescimento numérico, cresce a ambição pelo poder político. Ter um presidente da República evangélico é o sonho de boa parte da liderança evangélica no Brasil. Mas a nossa experiência política recente tem demonstrado que ter um representante evangélico sem a necessária postura ética é contraproducente. A sociedade prefere um

político ateu íntegro e comprometido com a promoção da justiça social, a um político crente despreparado e alienado da realidade iníqua do nosso país e comprometido com atos corruptos.

A democratização das igrejas e de denominações é fundamental. O povo evangélico, se treinado nas tomadas de decisões de suas comunidades, será terreno fértil para o surgimento de líderes autênticos tanto para a Igreja quanto para a sociedade. E mais: jamais será massa de manobra seguindo irrefletidamente o que mandam seus líderes. Os dons espirituais, conforme orientação paulina, são para todos os membros da Igreja para a edificação de todos. Os dons de ministério, conforme Efésios 4

especialmente nas igrejas que a adotam. Consequentemente atinge a área política, tirando do político uma visão global da sociedade e tornando-o paroquial e sectário. Tomemos, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Há nela muitos aspectos positivos, como a valorização do povo simples, maior liberdade nos costumes, a dedicação ao povo, a ênfase à assistência social e, sobretudo, o uso eficiente dos meios de comunicação. Porém, vê-se claramente nela a existência de um projeto político muito mais do que um projeto eclesiástico. Ela é pentecostal em seu discurso e católica na sua prática. O seu projeto mais se assemelha ao sonho político do modelo medieval católico. Está se tornando uma igreja clerical poderosa no mundo todo. Eleger o maior número possível de parlamentares é estratégico para a IURD, não apenas para defender o seu grande patrimônio e seus direitos, mas também como prova eloquente da eficácia da teologia da prosperidade. E isso é fundamental no crescimento da Igreja, que arrebanha milhares e arreca milhares vendendo sucesso em

**Tão importante quanto o pescar/evangelizar é o tratar do peixe/discipular.
Tão importante quanto a adesão à fé é a conscientização prática da fé**



Martha Braga

(apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres) objetivam o aperfeiçoamento dos santos na busca da perfeita humanidade em Jesus Cristo. Em outras palavras, quem quiser ser líder, seja servo de todos (Mc 10.43-44). O dom é para servir e não para mandar. Não se justifica tanto clericalismo e tanto autoritarismo dentre as igrejas de Cristo.

A prática da funesta teologia da prosperidade tem trazido muitos malefícios à formação do povo evangélico,

nome de Deus. A recente “guerra santa” entre Igreja Universal e Rede Globo, envolvendo a Igreja Católica e os evangélicos, só pode ser vista na perspectiva de interesses econômicos e políticos.

Finalmente, o evangélico, e, principalmente, o político evangélico deve reconhecer que não é incorruptível. Ninguém é invulnerável diante do fascínio do poder e do dinheiro.

O poder como serviço

Ao enfatizar os aspectos negativos, não elimino os aspectos positivos na caminhada do povo evangélico no Brasil. Citarei, neste sentido, alguns pontos que constituem verdadeiros desafios missionários na política.

O primeiro deles, além dos problemas individuais nos quais a contribuição evangélica é evidente, é o conceito cristão de família numa época de crise familiar generalizada em que os valores absolutos são relativizados. A família, para nós, não é um acidente histórico, mas fruto de uma decisão do Criador. O homem, macho e fêmea, foi criado à imagem e semelhança da Trindade Santa a fim de ser uma bênção para o mundo (Gênesis 1.26-27). Daí o caráter sagrado do matrimônio e da família serem afirmados nas Sagradas Escrituras. A vida da família divina é projetada na família humana em sua fidelidade, poder criador, alegria, amor e missão no mundo. Ninguém melhor do que os cristãos evangélicos para afirmar tais valores fundamentais para a saúde mental e espiritual da família.

No campo da ética muito podemos dar e muito podemos receber. Podemos dar os valores de uma ética individual, liberta do legalismo que muitas vezes nos afeta, pois somos capazes de recuperar, na sociedade, uma resistência contra os vícios e a prática da honesti-

dade. Podemos receber uma ética social que considera não apenas o indivíduo, mas os sistemas político, econômico e religioso. Decorre daí a denúncia profética (e “sem profecia o povo se corrompe — Provérbios 29.28) dos males sistêmicos. Internamente impõe-se a nós a recuperação de uma ética de palavra de peso e de honestidade, especialmente nas igrejas mais novas que, por crescerem rapidamente, descuidam-se da dimensão de profundidade fundamental inerente à fé cristã. O desafio é ser “sal” e “luz” numa sociedade que se apodrece na escuridão das trevas.

Num país marcado por gritante iniquidade social, a luta pela justiça deve caracterizar o povo evangélico. Para tanto, devemos começar lutando contra a pobreza e a miséria dentro da própria igreja. Urge colocar lado a lado igrejas ricas e igrejas pobres em convênios de amor e de solidariedade. Tal exercício corrigiria as distorções econômicas e sociais dentro das igrejas e nos capacitaria para ver e agir na correção das distorções que clamam aos céus da sociedade brasileira. Ademais, afirmariamos a verdade evangélica de que as necessidades humanas são prioritárias na economia divina.

À luz do exposto acima, o político evangélico deve ter uma clara consciência de que foi eleito para servir à sociedade em geral, e não apenas aos

Eleger o maior número possível de parlamentares é estratégico para a IURD, a fim de defender o seu grande patrimônio e seus direitos, e também como prova eloquente da eficácia da teologia da prosperidade

seus irmãos na fé. É inevitável, porém, que os pastores e igrejas procurem os parlamentares evangélicos para a solução de suas demandas. A minha experiência pessoal como deputado distrital e como secretário de Fazenda e Planejamento do Distrito Federal mostra que o povo e líderes evangélicos procuram o parlamentar, na maioria das vezes, em busca de solução de problemas legítimos de suas comunidades e de suas famílias. Não tenho percebido más intenções na maioria das inúmeras vezes que tenho sido procurado. Acho até que é tarefa de um político evangélico informar as igrejas e os pastores de seus direitos perante a lei, e de como podem usar os benefícios dela para ajudarem o povo que os cerca. O mesmo deve fazer com relação às outras entidades de organização da sociedade que o procuram. É o mínimo que ele pode fazer.

Concluo este depoimento fazendo

uma breve reflexão nas seguintes palavras de Jesus Cristo: “Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mateus 10.16). Encarnar este ensinamento é fundamental a um político, especialmente porque a política é um processo dinâmico em que diariamente se têm de tomar muitas decisões rápidas diante das mais imprevisíveis situações. O contexto bíblico destas palavras de Jesus é o envio de seus discípulos para uma missão louca: “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos”. Cultivar, pois, a prudência/astúcia das serpentes e a simplicidade das pombas é essencial. Prudência (*phronimos* = cautela, bom senso, sagacidade, astúcia. Simplicidade *akeraios* = sinceridade, pureza, sem mistura, sem malícia, integridade). Administrar prudência e simplicidade não é fácil, mas desafiador.

Prudentes como as serpentes para discernir o bom e o mau; e simples como as pombas para ser transparentes e sinceros. Prudentes para evitar conflitos desnecessários; e simples para não fugir dos conflitos inevitáveis. Prudentes para não se prender a atitudes mentais fechadas; e simples para se abrir inteiramente a causas justas. Prudentes para não se corromper com o mal; e simples para se comprometer com o bem. Prudentes para não se deixar queimar; e simples para não se desanimar. Prudentes para não exagerar; e simples para se apaixonar. Prudentes/astutos como as serpentes nas negociações; e simples para falar sem duplidade. Prudentes sem ser maldosos; e simples sem ser ingênuos. Prudentes para ceder no que não é fundamental; e simples para não ceder no essencial. Prudentes para identificar o inimigo; e simples para não fazer inimigos. Prudentes na própria defesa; e simples para defender os outros. Prudentes para não se deixar dominar; e simples para não dominar os outros. Prudentes para não ficar ao lado dos poderosos; e simples para abraçar a causa do pobre e do oprimido. Prudentes para reconhecer que nem sempre a voz do povo é a voz de Deus; e simples para abraçar como uma criança os ideais do Reino. Em suma, prudentes para errar menos; e simples para corrigir os erros.

Sou um cristão-evangélico, e estou sendo um político. A minha fé tem-me ajudado a ver o invisível, a tolerar o intolerável e a vencer o invencível. Por meio dela tenho descoberto, como o apóstolo Paulo, que “a nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades...”. Tenho feito e desejo fazer um bom uso da minha fé.

Wasny de Roure é diácono batista, deputado distrital e até dezembro de 1995, secretário de Fazenda e Planejamento do governo do Distrito Federal.

TEOLOGIA DO ENVOLVIMENTO DESINTERESSADO

Uma primeira análise do quadro oferecido pela bancada de parlamentares evangélicos no Congresso Nacional não nos permite antecipar grandes mudanças. O posicionamento tradicionalmente adotado deve manter-se, pelo tipo de projeto que está por trás dessa nova “leva” de políticos eleitos. Temos que reconhecer que a moralização da vida pública nos últimos anos no Brasil quase nada se deve aos evangélicos, apesar da retórica da entrada de ministros evangélicos na política.

Nesse sentido, é importante estabelecer uma distinção entre a imagem da comunidade evangélica em geral, em termos políticos e culturais. No plano cultural há uma série de estudos sociológicos (sobretudo antropológicos) que dão outra idéia, bem mais positiva, da contribuição evangélica na sociedade. Em recente entrevista à revista “Veja”, um dirigente de ONG, ao se referir à violência no Rio de Janeiro, destacou que os evangélicos “são hoje a principal alternativa ao narcotráfico e a maior resistência na produção de identidade, de conjunto de valores, de respeito pela força comunitária”.

No plano da política eleitoral e parlamentar, todavia, temos que reconhecer que não podemos ser tão otimistas assim. Ou seja, essa política corporativista e triunfalista constitui desvios que poderão colocar em risco o que de positivo existe na expansão evangélica. Difiríamos que o crescimento rápido das igrejas evangélicas no contexto democrático impõe a necessidade (não opção) de uma reflexão e uma maturidade política.

Creamos que a questão da justiça social e dos direitos humanos e a defesa dessas bandeiras tenderão a sobrar cada

vez mais para os que seguem a religião bíblica, que representa uma base para a defesa desses aspectos. Estão diante de nós, evangélicos, a elaboração mais detalhada e a divulgação maciça de vários elementos. O primeiro deles é uma teologia do envolvimento desinteressado (não apenas uma teologia do envolvimento político), isto é, em termos teológicos protestantes, baseada na doutrina da criação e do mandato cultural. Essa é a nossa base do engajamento desinteressado na sociedade.

Em segundo lugar, há a teologia da prioridade da justiça social. Temos que resgatar mais de todo o Antigo Testamento as leis mosaicas e os profetas, nos quais vemos a prioridade da justiça em relação a outras demandas também válidas, como, por exemplo, o crescimento econômico. Que a justiça seja prioritária, confiando que Deus nos suprirá as demais necessidades, e não o contrário.

Em terceiro lugar, destaca-se a teologia do Reino de Deus. Todo o corporativismo que observamos entre muitas igrejas evangélicas hoje (e que caracteriza a ação de muitos políticos evangélicos) decorre justamente da falta de uma teologia do Reino de Deus. Isso leva inevitavelmente à defesa de interesses institucionais, porque o raciocínio é de que se determinada instituição está se expandindo, isso representa a expansão do Reino de Deus. O que pode ser mais importante do que isso. Temos, pois, que recuperar essa distinção entre igreja e Reino de Deus.

Fonte: Trecho da palestra proferida pelo sociólogo Paul Freton em reunião do Movimento Evangélico Progressista (MEP).

Lobbying por Cristo: a política da fé interessada

Joanildo A. Burity

Há menos de dez anos uma mudança significativa ocorreu na cena evangélica. Depois de enormes resistências a qualquer envolvimento explícito com a política, os evangélicos surpreenderam pela avidez com que se lançaram à disputa eleitoral. *Slogans* corporativos ("irmão vota em irmão"); candidaturas oficiais (especialmente nas igrejas pentecostais); eleição de bancadas evangélicas em todos os níveis; marcaram aquele momento. Os evangélicos que haviam participado da resistência democrática nos anos de 1950-60 e de meados dos anos de 1970 em diante não conseguiram tirar bom proveito dessa maré alta de despertamento político nas igrejas. Voltada para questões mais estruturais e carregando o pesado estigma de ter se metido com "comunistas", a esquerda evangélica era ruim de voto, não privilegiava a política partidária como lugar de projetos corporativos de base religiosa, e/ou apoiava candidatos mais afinados com suas convicções ideológicas, fora dos espaços eclesiásticos.

Tal surto de participação política não deixou de intrigar: primeiro, permaneceu marcado por posturas governistas ou instrumentais; depois, driblou a construção de uma dimensão social dessa militância, isto é, evitou engajarse na ampliação da cidadania e estimular movimentos na base da sociedade, os quais pressionassem por mudanças substantivas na sociedade, na economia e na política. A militância política tinha uma direção fortemente representativa e visava conquistar espaços nas instituições políticas formais. Enfim, boa parte dessa representação se deu a partir de um eixo corporativo, com diferentes resultados: apoios políticos na Constituinte em troca de concessão de emissoras de rádio e de tevê "para Deus"; atuação destacada em defesa dos valores tradicionais da família, da moralidade e dos bons costumes; e atuação contra quaisquer iniciativas de lei que pretendessem estender a minorias (particularmente as sexuais) o reconhecimento de suas diferenças, ou afrouxar dispositivos legais discriminatórios, herdados de séculos de cultura autoritária.

Mal transcorrida uma década, a esquerda evangélica já não se ocupa mais de sensibilizar os evangélicos para a política em geral, mas luta para que o discernimento torne-se um princípio: qual política, que práticas, que público, que projeto implícito ou explícito. E os segmentos majoritários, mais ou menos

conservadores, desfrutam de enorme visibilidade social e política. Mas tudo isso transcorre em meio a um clima de conflito religioso, que reabre feridas de antigos embates entre evangélicos e católicos. O efeito mais direto de tal conflito sobre a posição política dos evangélicos é o transbordamento de desconfianças, acusações e suspeições de um campo a outro.

Ética e posição política

Não é preciso ser ingênuo: é certo que há um segmento da representação política evangélica no País que pratica uma concepção sectária e oportunista da política; que barganha acordos em troca de favores para a própria grei; que serve como despachante de luxo para as comunidades que o sustentam; que transforma sua leitura supostamente literal e imediata da Bíblia numa arma contra o frágil, e ainda tímido, desarmamento da sociedade quanto ao respeito da diferença.

Mas também não é possível analisar no grosso o que só pode ser visto no varejo, e por meio de agregados que sempre deixam "algo de fora", sempre podem ser lidos ou problematizados sob outra perspectiva. A questão do "lobby da fé" é certamente um caso sujeito a hiperpolitizações ou estratégias de minimizações de efeitos. Por um lado, nem toda a representação parlamentar de origem evangélica no País tem características corporativo-opotunistas. Isto tampouco é privilégio da esquerda. Há políticos evangélicos conservadores teológica e/ou politicamente que não entendem seus mandatos como reserva de domínio da comunidade evangélica. Mesmo que estes sejam a minoria — é bom lembrar que não há pesquisas nacionais sobre o perfil da representação evangélica que o atestem —, é preciso dar conta de como é possível existirem. E se parece realmente verdade que os escândalos estão mais próximos dos impolitos parlamentares conservadores, não há uma equação que iguale, fora de toda a avaliação concreta, ética e posição política de esquerda.

No fundo, a questão é se podemos derivar coerência entre princípios e posicionamentos concretos da experiência de fé de quem quer que seja. A fé tem efeitos perceptíveis e importantes sobre a política, mas não dita formas intrínsecas de posicionamento. Aqui vou decididamente contra a corrente: não existe uma "linha política" implícita

ou explícita nos textos sagrados, nem na experiência de fé. Esquerda e direita, partidos e ideologias, são opções ético-políticas em relação às quais temos que assumir inteira responsabilidade. Fazemo-las inspirados na fé, agimos a cada momento tentando relacionar os objetos de decisões e tomadas de posição com nosso compromisso com o Evangelho, mas jamais poderemos privar da autorização incondicional deste último. A teologia ou a Bíblia não são álibis da política dos cristãos.

Por outro lado, há certo desconforto com a imagem de um *lobby* da fé, porque, neste país, a legitimidade do interesse localizado e irredutível a classificações do tipo preto-e-branco ainda está longe de ser assegurada. Existe certa visão asséptica da democracia, que entende a pressão em torno de interesses como espúria. Só valeria o que abrangesse o interesse de todos, o que representasse a vontade geral. Essa postura sofre, vez por outra, de alucinações paranoides ou conspiração para impor uma teocracia intolerante e retrógrada.

A isto se junta, procedente da fatia antiética, podre, da representação política e da comunidade evangélica que a sustenta, o cinismo antidemocrático: joga-se o jogo para melhor proveito tirar dele. Se a regra é abocanhar benesses públicas, quem partir atrás leva a pior. É preciso ser "realista": a política não seria o céu, nem a casa de Deus. Contanto que se mantenha livre da "aparência do mal" (adultério, corrupção e mau testemunho), tudo vale, principalmente se for na surdina.

Neste mundo hamletiano, há muito mais coisas entre o céu e a terra do que supomos: a democracia tem espaço para a disputa de interesses (o problema é como estes foram e quais as regras do seu jogo), e há filões da comunidade evangélica brasileira que despertaram para a má política, a política que coloniza espaços públicos em nome de duvidosas predileções divinas.

Fé interessada

Assim, há um *lobby* da fé que, comparado ao que fizeram e fazem amplos setores empresariais do País e segmentos da elite política, é inofensivo como uma formiga. O que se precisa não é questionar a existência ou a legitimidade desse *lobby*. O questionamento se dirige ao provincialismo dos parlamentares que o praticam, e das comunidades que deles aceitam ou exigem tal

comportamento. O questionamento deve ir na direção de ampliar a mentalidade corporativa em duas direções: para além do auto-interesse exclusivista (de tipo: "fazer bem somente aos domésticos da fé") e da intolerância potencial de toda a concepção principista. Querem-se decretar, para toda a sociedade, restrições que só fazem sentido para uma parcela dessa. O limite aqui, obviamente, é que os princípios de qualquer grupo partidário de discriminações, preconceitos ou apartação, são ilegítimos, se projetados sobre a sociedade, ou sobre grupos menores, que sofreriam a "ditadura da consciência" dos puristas. Já sabemos, historicamente, quantos paus-de-arara, forças e foguerias tais momentos produziram.

Há uma disputa intra-religiosa pelas almas e corpos dos brasileiros, e nela grande visibilidade tem sido conferida à "guerra santa" dos neopentecostais com a Igreja Católica e com as religiões afro-brasileiras. Não há política para ou contra isso. Tentativas de se regularmentar esse terreno, judicializando-o, somente reforça o *status quo* religioso e politiza o que de outra forma se resolvia no âmbito da sociedade civil. No momento, essa tentativa expõe ainda mais o quase-oficialismo de uma religião de Estado, que a República jamais conseguiu neutralizar, extirpar. A competição dos evangélicos históricos, pentecostais estabelecidos, católico-romanos e seguidores das religiões aforas com os neopentecostais não se resolve na política, nem se reduz à crítica politizante do chamado *lobby* da fé. Os caminhos que ligam a disputa no "mercado religioso" a políticas de monopolização ou colonização da representação política são muito tortuosos e têm que ser analisados contextualmente. Afinal, o Congresso não é o Brasil, nem a Igreja Universal, o cristianismo brasileiro.

Precisamos urgentemente aprender a viver com a política da fé interessada, apontando-lhe os limites, sem demonizá-la. Quem sabe, entre conservadores e esquerdistas, sobrevivemos todos, cada um na sua, Deus por (quase) todos, e algumas escaramuças de vez em quando, que ninguém é santo. Quem for, atire a primeira pedra ou... mais fiel aos tempos, descole uma lezinha contra os desafetos, *lobbying* por Cristo.

Joanildo A. Burity, presbiteriano, dirige o Departamento de Ciência Política da Fundação Joaquim Nabuco (Recife/PE).

Ameaça verde: o fundamentalismo islâmico

Cesar Roberto de Vasconcellos Lapa

Para o muçulmano, "fundamentalismo" significa a especialidade da jurisprudência. No Corão existem dois tipos de versículos quanto à metodologia de pesquisa para a decisão jurídica: os de um só sentido, absolutamente claro, e os que podem ou precisam ser interpretados. A parte que constitui os versículos de único sentido é muito pequena comparada com a parte suscetível de interpretação. É infundada a necessidade de uma releitura do Corão, modificando-lhe o texto, como algumas correntes religiosas fazem com suas Escrituras. Durante séculos o Islamismo exerceu hegemonia em círculos culturais e se manteve sem que se tocassem no texto original do Corão.

Não é possível crer que o fundamentalismo seja movimento de pessoas simples. Ele é um domínio da ciência religiosa. Comparativamente, tanto o fundamentalismo cristão como o islâmico, se apegam à inerrância da Sagrada Escritura, mas o Islamismo não combate as descobertas científicas, que reforçariam as asserções do Corão. Os cientistas gozam de grande prestígio.

A princípio, o Islamismo está aberto relativamente a outras culturas, contando com influências. Sempre que estas ultrapassam os limites dos paradigmas, mecanismos de defesa começam a funcionar automaticamente. Isso que é chamado de oposicionismo conservador é, para o muçulmano, legítima revitalização, que já foi prevista pelo profeta Maomé, quando alertou que Deus enviaria Alguém (ou vários) para renovar a religião. Este sentimento revela o sentido do termo *jihad*, compreendido erroneamente como "Guerra Santa". *Jihad* significa o esforço pelo equilíbrio do homem neste mundo. Daí o sentido de "defesa do Islã" contra forças que impedem o homem de viver segundo o desígnio de Deus.

Há outro termo que indica o período de ignorância e barbárie, vivido em Mega até que Maomé e seus discípulos instauraram o Islamismo, em 622 d.C.: *jihiliyya*. Por isso, um verdadeiro muçulmano deve lutar contra o *jihiliyya*. Em seu livro *Sob a égide do Corão*, Sayyid Qutb, ideólogo do movimento Irmãos Muçulmanos, utilizou o termo para caracterizar as sociedades do século XX, incluindo o então governo de Nasser no Egito (anos de 1960).

Tal pregação provocou a execução de Qutb em 1966, mas a semente do ideal de restauração, que inspirou grupos na década de 1970, estava lançada. A idéia de "ruptura" alimentou diver-

sos movimentos de contestação aos governos que demonstravam boa vontade com os países ocidentais.

Algumas decepções

Na verdade, o oposicionismo radical se deve à desilusão com a civilização ocidental. A secularização ligada à modernidade revela-se como alienação moral e perda de identidade, mas nunca progresso. A abertura de muitos países islâmicos a uma "ajuda" para o desenvolvimento levou esses países ao endividamento e dependência político-econômica e, como consequência, um crescente abismo social e uma conflitividade candente. Apenas os despotas foram beneficiados com o "apoio" ocidental, ainda que o postulado de fundo fosse a instauração da democracia nesses países. A tomada de posição de países ocidentais em favor de Israel alimentou a desconfiança por parte dos muçulmanos. Uma vez que para eles não pode haver dissociação entre o caráter político e o religioso: esse apoio constitui guerra santa contra o Islamismo.

Crescimento incômodo

Muito se tem falado do crescimento do número de adeptos das igrejas evangélicas. Levanta-se a hipótese de uma preocupação da Igreja Católica com tal fenômeno, acelerado em lugares reconhecidos como "redutos católicos". Se é verdade que existe algum temor neste sentido, maior desconforto deve ser a constatação de que o Islamismo vem ocupando espaços até na América Latina, e, segundo pesquisadores da Unesco, o número de fiéis empata com os do Catolicismo: 750 milhões. Ele passou de 125 milhões de fiéis em 1990 para 420 milhões em 1970, e no ano 2000, terá 1,1 bilhão de fiéis, ultrapassando em 100 mil o Catolicismo.

Segundo o diretor e o chefe de redação da revista "Correio da Unesco", Bahgat Elnadi e Adel Riffat, os fundamentalistas, mesmo divididos em correntes, encontram campo favorável nos países onde os poderes aparecem como iníquos, o que leva à dissolução da coesão sociocultural sob efeito de abertura ao mercado. Onde muitas frações sociais se sentem excluídas, ali será o campo de ação. "O islamismo também cresce nas áreas mais pobres, e sujeitas a violências como o roubo, em que a



resposta fundamentalista é firme, na base do olho por olho, dente por dente, em que um furto resulta em uma mão cortada." (O Estado de São Paulo, 4/4/95).

Se existe algum receio quanto a essa capacidade de crescimento, esta se faz mais forte no imaginário dos americanos. Abandonaram a paranóia da "ameaça vermelha" da Guerra Fria para abraçar o "perigo verde" (verde é a cor do Islã). Então, surge no cenário jornalístico a imagem monstruosa das intenções de dominação mundial por parte do Irã, que controlariam o movimento islâmico (como se não houvesse uma unidade monolítica de poder e ideologia). Toda a instabilidade no Oriente Médio é tida como parte de um grande esquema orquestrado por seguidores de Ruhollah Khomeini. Existe mesmo o mito de que tal guerra santa contaria com uma "bomba islâmica". Englobam-se diferentes movimentos sem relação uns com os outros: desde guerrilhas treinadas pela CIA no Afeganistão até a "Al Gamaat al Islamia", organização terrorista egípcia, que não tem nada com a Fraternidade Muçulmana do Egito.

"A maior hipocrisia no debate sobre o Islã político é o fato de que os americanos travaram uma guerra para garantir a sobrevivência do mais fundamentalista de todos os estados — a Arábia Saudita. O governo saudita é, na verdade, mais rígido na aplicação da lei islâmica e mais repressivo em muitos aspectos que o de Teerã." (O Globo, 23/4/95).

Segundo Gilles Kepel, em *A revanche de Deus*, o fim dos anos de 1980 inaugurou nova fase na qual é mais privilegiada a reislamização dos indivíduos que a do Estado. A finalidade é de que os movimentos invadam "por baixo" o espaço político e se transformem insensivelmente até atingir os limiares

do poder, fazendo ao mesmo tempo a economia de uma revolução. Não se deve pensar que essa nova fase seja menos radical contra a organização secular e a democracia, expressões de *jihiliyya*.

Por motivos semelhantes aos do fenômeno islâmico, desde a década de 1970, outras culturas religiosas assumiram a luta contra o espírito de secularização. Daí surgiram diversas estratégias, veladas, explícitas, agressivas ou sutis para manter a fidelidade aos credos.

O desafio ao ecumenismo

O antídoto ao fundamentalismo parece não ser o seu combate nem a propaganda de que lidamos com monstro. Este caminho tem provocado terrorismos e conflitos. Talvez a saída para superar tal estado de intolerância seja uma ação que enfatize o diálogo e o consenso, assim como a demonstração efetiva de admiração, respeito e solidariedade ao outro na medida em que se assume uma autocritica.

Poder-se-ia objetar que tal proposta é utópica, uma vez que pertence ao *ethos* desses grupos a "vontade de potência" e a reação violenta ao diálogo. No entanto, tal refutação está marcada pela incapacidade de reconhecer como justas algumas razões que movem tais grupos, e pelas arrogantes pretensões modernas (não seriam um tipo de fundamentalismo?).

Em seu artigo sobre fundamentalismo ("Concilium" nº 241), Ehsayyid Ehsayyid faz ver que o Corão, na medida em que orienta para uma atitude missionária ("Convoca para os caminhos do Teu Senhor mediante a sabedoria e o bom conselho e discute com os deuses com palavras amáveis" — sura 16/125), exclui o proselitismo ("Não deve haver nenhum emprego coercitivo relativamente à religião, portanto a diferença entre a orientação reta e o transvio tornou-se clara" — sura 2/256) e exorta ao diálogo com outras crenças, no caso judeus e cristãos ("só de modo e jeito o melhor possível deveveis discutir com os possuidores das Escrituras" — sura 29/46).

Cesar Roberto de Vasconcellos Lapa é professor de Filosofia e integrante de KOINONIA.

A esperança dos que sonham – Lucas 4.16-21

Daniel Godoy Fernandez

Correspondeu-me assessorar um estudo bíblico com pessoas de diversas idades e cujo desafio principal era falar da esperança no futuro, na vida e na família, mesmo quando os sinais da anti-esperança muitas vezes nos amarram as mãos e nos deixam deprimidos. Num ambiente decompanheirismo, de celebração, de ouvir e de falar de Deus e de nós mesmos, descobrimos a força da esperança. A vigência da mensagem da Bíblia comprometeu-nos novamente com a tarefa de anunciar que Igreja é do Senhor e que o Evangelho é a boa-nova para os pobres.

Os testemunhos apresentados mostraram que estamos nos começos dos tempos messiânicos, assistindo a coisas incríveis e vendo como o Senhor acompanha o seu povo pobre e necessitado (Mt 4.23; 9.35). Por isso, esta reflexão bíblica quer reforçar a visão de esperança para o mundo como criação de Deus, sem deixar de considerar que estamos num momento crucial na história, e reafirmar essa mensagem para os que, de uma perspectiva cristã, crêem na promessa da construção de uma nova sociedade para o nosso povo. O texto de Lucas 4.16-21 nos faz conhecer a proposta programática de Jesus e desafia a Igreja a proclamá-la e praticá-la.

“O Espírito do Senhor está sobre mim...”

No evangelho de Lucas o ministério de Jesus se inicia com este texto: “Indo para Nazaré...” (v.16a). Em seguida, o texto explica esta ação: “Entrou na sinagoga, como era seu costume” (v.16b). A ação dos vv.16c-17 descreve a cena e antecipa o que virá por meio de detalhes que localizam o leitor na sinagoga. Nos vv.18-19 Jesus entra em ação, dirige-se aos presentes e lê o livro do profeta Isaías. Nos vv.20-21 temos a conclusão da cena.

Nesse episódio, fundamental em todo o relato lucano, Jesus é apresentado e identificado com a sua missão. Ele proclama a utopia do “ano da graça do Senhor” que toma forma em atos e sujeitos concretos e afirma que com ele se cumpriu o anúncio de Isaías 61.1-2: “o anúncio da boa-nova aos pobres, a cura dos quebrantados de coração, a pregação da liberdade aos cativos, a recuperação da vista aos cegos e a liberdade para os oprimidos” (v.18). Esse cumprimento acompanha a continuidade da mensagem profético-libertadora que é dirigida a todos os pobres e oprimidos da história.

Os grupos mencionados no texto são social, política, econômica, cultural e religiosamente marginalizados, os que por ação/opção de Jesus tornam-se os principais destinatários da mensagem da boa-nova. Trata-se dos pobres, cegos, nativos e oprimidos. Eles representam as multidões que são vítimas de uma sociedade que os discrimina, explora e não os considera. A menção desses grupos reflete, por uma parte, a atualidade histórica da mensagem de Jesus e dos seus discípulos, por outra supõe um desenvolvimento posterior da pregação e tradição do Antigo Testamento a respeito dos pobres.

“Ele me ungiu para pregar” – A unção refere-se ao batismo de Jesus (Lc 3.21-22), mas o contexto da sinagoga e o conteúdo do texto indicam claramente que Jesus interpreta essa unção numa dimensão profética. O termo “evangelizar” constitui o motivo fundamental do texto (v.18; cf. Is 61.1-2). Significa “entregar a boa-nova aos pobres”, e o próprio Jesus é a boa-nova, o profeta que inaugura a etapa definitiva da salvação, a qual abarca a libertação material, espiritual e ética dos oprimidos.

“A boa-nova aos pobres” – Como texto do Antigo Testamento, deve ser lido a partir da perspectiva profética. Vale dizer, o anunciado por Isaías é o que agora se realiza. Jesus apresenta os pobres como a expressão da sua própria presença (Mt 25.31-46; Lc 9.48), o que o coloca numa clara continuidade e ampliação com a afirmação do Antigo Testamento. A continuidade se expressa na preocupação preferencial pelos pobres e a ampliação é que a sua ação não é dirigida só ao povo de Israel, mas a toda a humanidade (Lc 4.18; 7.22; 14.13,21; 18-21).

Lucas também deixa bem claro que a primeira bem-aventurança indica a pobreza que implica em seguir a Jesus (Lc 6.20-23). Crê-se que nele se cumprem todas as promessas que Deus fez aos pobres, aos que sofrem, aos infelizes e aos humilhados (Is 61.1), aos que choram (Sl 126.5-6) e aos que têm fome (Is 49.10). Jesus cumpre os anseios de salvação da antiga aliança e a sua ação culmina na libertação dos pobres. A citação (Is 61.1) aprofunda a sua ação salvadora (4.18) e o desenvolvimento do texto do Evangelho apresenta uma forte polêmica contra os ricos (Lc 6.24-26): Jesus exhorta o anfitrião a convidar para o banquete os pobres e os que não podem ir. Na parábola da grande ceia, os pobres são os primeiros a ser convidados, substituindo os ricos que não puderam ir, ocupados

com os seus bens (14.21). Lázaro, como protótipo do pobre, é acolhido por Deus, enquanto o rico, por não ter tido piedade de Lázaro, é condenado (16.13-22).

“A restauração da vista aos cegos” – Em Lucas, os textos que se referem aos cegos falam de pessoas que são cegos fisicamente. Há duas exceções que podem ser entendidas em sentido figurado ou metafórico (6.39; 14.13), mas Lucas 7.21-22 e 18.35 falam de cegos que pela ação de Jesus ou encontro com ele são curados. Em 18.35 o cego, reintegrado à sociedade, expressa o seu testemunho sobre a ação de Deus em sua vida e motiva no povo o louvor a ele.

“A pôr em liberdade os cativos e oprimidos” – Esta frase refere-se aos prisioneiros de suas dívidas, ou seja, a liberdade seria o perdão delas. Lucas usa textos que se referem ao perdão das dívidas motivado pelo ano do jubileu (Is 61.1; Lv 25.10-13; e Dt 15.2). Os cativos e oprimidos representam dois grupos que estavam expostos a sofrer as consequências das práticas escravizantes como resultado da injustiça que era comum na sociedade palestina e que tiveram que desfazer-se dos seus bens para sobreviver devido à situação de opressão. Nesse sentido devemos entender a citação de Isaías (61-62). Isaías 58 menciona diretamente o ano do jubileu, que era a possibilidade real para que todos ficassem livres das suas cargas e dívidas.

Novo sentido do texto de Isaías em Lucas

Lucas cita Isaías 61.1-2a, mas omite a expressão “curar os quebrantados de coração”, acrescentando em seu lugar “pôr em liberdade os oprimidos” (Isaías 58.6). Com isso indica uma libertação material de toda a classe de injustiças. Ao concluir a citação, incorpora a afirmação “proclamar o ano agradável do Senhor” (Is 62.2a). Essas modificações devem ser entendidas em função da opção de apresentar o texto como cena pragmática de Jesus trazendo a boa-nova.

Ele também encerra o texto com a citação de Isaías 61.2a, omitindo a expressão “o dia da vingança do nosso Deus”. Isto deixa aberta a possibilidade para apresentar a salvação como o ano agradável no qual se realiza a libertação total de todos os escravos. O texto de Isaías anuncia a vinda próxima de Deus no meio do povo para instaurar o tempo da verdadeira justiça, porém o cumprimento desse tempo indica Jesus

como o profeta que anuncia o tempo da salvação. Não há tempo de castigo ou condenação para os pobres, mas a boa-nova e a misericórdia.

Concluindo, o nosso trabalho pastoral é realizado junto aos pobres, em meio a realidades que nos sobrecarregam e nos desafiam a ser solidários. Diariamente vemos como os esforços sociais, familiares, eclesiás e das comunidades não são capazes de enfrentar as drogas, o alcoolismo ou a situação de milhares de crianças para os quais “casa” e “escola” são a rua. Cada congregação ou comunidade popular reflete uma realidade dura, cruel e desumanizadora. Mas nestes espaços reproduz-se com força a boa-nova do Evangelho. Nessa realidade os pobres e marginalizados atrevem-se a viver quando tudo parece desespero. Eles não se acomodam, tampouco se deixam morrer, mas tiram forças de suas fraquezas e lutam por um mundo melhor.

Lucas 4.16-21 e outras passagens bíblicas alimentam a esperança dos cristãos não permitindo que eles se esqueçam dos seus sonhos, levando-os a confessar que Jesus é o Senhor e a afirmar o seu desejo por uma sociedade justa que integra, acolhe, liberta, perdoa e inclui a distribuição de bens e a alegria do futuro. Trata-se de uma proposta de vida para toda a humanidade a qual considera de maneira especial os que têm maiores dificuldades de alcançar esse ideal. É uma hermenêutica para a vida, para o futuro.

Descobre-se essa perspectiva onde se lê a Palavra do Senhor de forma libertadora. Daí brotam a esperança, os sonhos, as utopias, o amor e a paz. A partir dessa hermenêutica os milhões de pobres se agarram ao futuro e crêem que a festa dos seus sonhos pode ser realizada. Descobrem que são pobres por imposição e não por opção. Da mesma maneira descobrem um Deus misericordioso que sonha com eles, vai mais além do horizonte e torna realidade “o direito de viver em paz”. Esse direito, bem como “a hermenêutica para a vida”, tem profundas raízes bíblicas, são vivas promessas do Evangelho e grandes possibilidades de tornarem-se realidade, especialmente quando estamos nos tempos da chegada de “Emanuel”, o Deus conosco.

Daniel Godoy Fernandez, chileno, pastor da Misión Iglesia Pentecostal, é mestreando em Ciências da Religião no Instituto Ecuônico de Pós-Graduação em São Bernardo do Campo/SP.

Abrindo novos horizontes

Leonardo Boff

**O SONHO ECUMÉNICO:
PREFÁCIO AO NOVO MILÊNIO**
Cláudio de Oliveira Ribeiro, Magali do
Nascimento Cunha e Paulo Roberto
Salles Garcia (organizadores)
KOINONIA
18 X 22cm, 238 páginas
Rio de Janeiro, 1995

O presente livro, publicado por KOINONIA Presença Ecumônica e Serviço (Rio de Janeiro, 1995) recolhe a memória da 1ª Jornada Ecumônica realizada entre os dias 11 e 16 de outubro de 1994 em Mendes, RJ. Aí estavam cerca de 500 pessoas, em sua maioria jovens, representando o melhor do sonho ecumônico que perpassa as igrejas cristãs e outras tradições religiosas presentes no Brasil.

Três grandes blocos articularam as atividades: (1) o diálogo pluricultural onde se debateram as questões ligadas à mulher e à teologia, à teologia negra e aos novos movimentos religiosos; (2) Igreja e sociedade onde assomaram os temas da teologia e da economia, teologia e política, cidadania e dignidade; (3) unidade cristã, que permitiu a discussão sobre o ecumenismo cristão com os temas da Bíblia, da espirituali-

dade e formação e da liturgia e da simbólica.

Os materiais vêm bem sintetizados com a preocupação de abrir horizontes para frente. Fazendo uma leitura de cego que capta apenas as relevâncias enfatizadas como efeito final três pontos.

O primeiro é a importância histórica do ecumenismo, seja aquele micro que se realiza entre as denominações cristãs seja aquele macro que se abre para outras matrizes religiosas. Discutindo o ecumenismo (o diálogo, a acolhida da diferença e a convergência em alguns propósitos fundamentais) se discute o destino humano, as magnas questões que sempre estão na agenda de toda busca humana radical. Talvez este seja o maior fruto do esforço ecumônico: ultrapassar o dialeto religioso e ocupar-se do verdadeiramente teologal, daquilo que tem a ver com a natureza do Divino, do Sagrado e de Deus: a vida, sua dignidade e o futuro da humanidade a partir dos mais penalizados e destituídos. Curiosamente, todas as linhas convergiam para a centralidade da vida, como dom supremo de Deus e como o maior milagre do universo. A vida está ameaçada, é vilipendiada e sacrificada nos muitos altares de falsos absolutos. As religiões e as igrejas se constituem

em espaços privilegiados onde estas questões são tratadas com seriedade e suma sacralidade. Cabe às religiões e é missão de todas as denominações cristãs de salvaguardar a lamparina sagrada e sempre alimentá-la para que a dimensão mais suprema do ser humano nunca se obscureça ou seja afogada. Não sei se todos os participantes desta Jornada Ecumônica tinham a clara consciência desta importância fundamental. Não importa. Importa que se assumiu o ecumenismo nesta perspectiva verdadeira da vida e de sua significação. Deus só possui sentido radical quando sentido, pensado e amado no prolongamento desta linha na forma de infinito e de absoluto.

O segundo ponto não é menos decisivo: ao se debater o ecumenismo se debate o tema de Deus, de sua experiência, de suas representações culturais, dos grandes sonhos que a humanidade ligou sempre ao arquétipo Deus. Junto se desmascararam os ídolos hoje tão fervilhantes na figura do mercado e da mercadoria colocados como as peças articuladoras do sentido de ser e de viver a nível mundial. O que se disse sobre a Bíblia como livro sobre Deus articulada com outros escritos sobre Deus foi altamente iluminador. Supera-

se uma compreensão fechada de inspiração.

Por fim nota-se um limite em toda a produção teológica do encontro. Despertou-se para a questão ecológica mas ela ainda não é entendida como uma nova centralidade que desloca o eixo da relevância básica. A questão fundamental não é: que futuro têm as igrejas, as religiões e o ecumenismo? Mas que futuro tem a Terra e a humanidade? Em que medida as religiões da tradição abraâmica e as demais vertentes religiosas ajudam a garantir um futuro em integridade, justiça e paz? Essa é a questão magna que obrigará a um ecumenismo de base, amplo e convergente nas questões que universalizam o drama humano e o confrontam com um destino trágico ou promissor. As religiões e o cristianismo são portadores de esperança inarredável de que não a morte e a entropia mas a vida e a sintropia constituem a grande palavra que o Mistério proferiu sobre o destino de todos e de cada existência. Anunciar isso em todas as dicções é o sentido da nova missão.

Leonardo Boff é teólogo, professor de Ética na UERJ. Autor de diversos livros como: "Igreja, Carisma e Poder" (Ed. Vozes) e "Ecologia: grito da terra, grito dos pobres" (Ed. Ática).

O SONHO ECUMÉNICO: prefácio ao novo milênio

A história do ecumenismo no Brasil ganhou um novo capítulo com a realização, em 1994, da 1ª Jornada Ecumônica. Às vésperas de um novo milênio, novos caminhos, desafios e sonhos se impõem ao movimento ecumônico. Eles foram alvo de análise e de reflexão durante os seis dias de encontro. Muitas experiências, histórias, análises, celebrações foram vividas e são agora detalhadamente socializadas em livro publicado por KOINONIA Presença Ecumônica e Serviço.

É um rico subsídio para grupos de igrejas, seminários teológicos, organizações ecumênicas atualizarem-se quanto às questões emergentes para as igrejas e para o movimento ecumônico no Brasil.

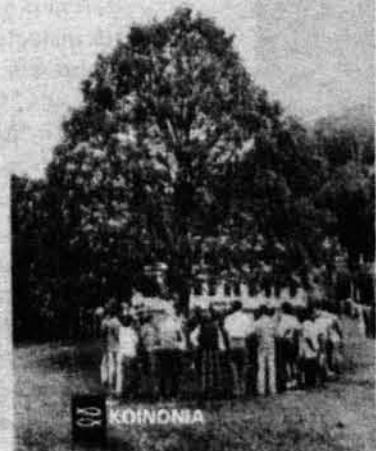
Pedidos por cheque nominal a KOINONIA ou por vale postal.

KOINONIA Presença Ecumônica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129 – Glória

Tel.: (021) 224.6713 Fax.: (021) 221.3016

Preço promocional: R\$ 10,00



Natal: a festa é possível

Para a celebração familiar na véspera (ceia) do Natal. Leitor — dirigente(s). Voz — pessoas entre os presentes. Deve ser iniciada uns vinte minutos antes da meia-noite. Pode ser utilizado no templo. Para isso foram feitas duas indicações: A — Pregação; B — Eucaristia.

LEITOR — Há quase dois mil anos os cristãos celebram o nascimento de Jesus. Os homens envelhecem e morrem, mas Jesus nasce criança a cada novo ano. O profeta Isaías, séculos antes desse acontecimento, resumia a esperança depositada pelo povo no Messias que estava para vir, dizendo:

TODOS — *Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, a ele caberá o domínio e o seu nome será: Conselheiro-Maravilhoso, Deus-Forte, Pai-Eterno, Príncipe-da-Paz.* (Is 9.6)

LEITOR — É este fato — o mais importante da História humana — que nos reúne agora. Cantemos, pois, animadamente!

TODOS — *Oh! Vinde, fiéis, radiantes e alegres*

que a festa é possível; nasceu o Senhor. Agora podemos viver nossa vida.

Oh! Vinde, louvemos o Bom Salvador!

Olhai encantados a sua pobreza na qual ele nasce, num gesto de amor. Conosco ele quer habitar, solidário.

Oh! Vinde, aceitemos o Bom Salvador!

O mundo precisa de gestos amigos, de vidas que se abram em atos de amor. Aos outros digamos, radiantes e alegres: **Oh! Vinde, adoremos o Bom Salvador!**

VOZ1 — *Quão graciosos, sobre os montes, são os pés do mensageiro, do que anuncia a paz, do que proclama boas-novas e anuncia a salvação...*

VOZ2 — *Eis a voz das tuas sentinelas, ei-las que levantam a voz; à uma levantam gritos de alegria, porque com os seus próprios olhos vêm ao Senhor que volta a Sião.*

VOZ3 — *Regozijai-vos, à uma levantai gritos de alegria... porque o Senhor consolou o seu povo, ele redimiu Jerusalém!* (Is 52.7-10)

TODOS — Nós te damos graças, Senhor, por esta Palavra de Alegria que reanima o nosso coração.

TODOS — (Cantando ou lendo): **Oh! Vinde, adoremos a Cristo, o Senhor!**

(Um instante de oração silenciosa para refletir sobre este momento de beleza: Natal!)

LEITOR — **“Ó, Senhor, nosso Deus,**

TODOS — **“dá-nos a graça de te desejar com todo o nosso coração; e que o nosso desejo nos leve a buscar-te e a encontrar-te; e que, encontrando-te, possamos amar-te. E que, amando-te, possamos odiar aqueles pecados de que nos redimiste”.** (Oração de Santo Anselmo)

LEITOR — *No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e, sem ele, nada foi feito de tudo o que existe. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para*

o que era seu e os seus não o receberam. Mas, a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que creem em seu nome, que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

TODOS — *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.* (Jo 1.1-5, 10-14)

LEITOR — *Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? ou quem se tornou seu conselheiro? ou quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca?*

TODOS — *Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém.* (Rom 11.33-36)

(A — Pregação)

LEITOR — A originalidade absoluta da revelação cristã nas Escrituras Sagradas é que Deus se faz nosso irmão em Jesus. Com a melodia tradicional de Catulo da Paixão Cearense, o “Luar do Sertão”, cantemos:

TODOS — *Não há, ó gente, ó não, amor maior que um Deus irmão!* (bis)

Natal é festa de alegria incomparável, quando Deus se faz palpável em Jesus, o nosso irmão.

Por isso, todos, irmados na magia, desta linda melodia, repitamos o refrão:

Não há, ó gente, ó não, amor maior...

Há muitos tristes, solitários companheiros que não vivem mais fagueiros porque

ignoram este refrão: que Deus, em Cristo, nos liberta da tristeza. Nós, portanto, com firmeza, repetimos a canção:

Não há, ó gente, ó não, amor maior...

VOZ4 — *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Fazendo-se carne se fez um de nós. Sem abstrações. Como nós somos feitos assim o Verbo se fez.*

TODOS — *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.*

VOZ5 — *A carne que somos que o Verbo se fez não pertence ao mundo dos objetos e das coisas que possuímos e gastamos. Este Verbo não se conjuga com o verbo ter e sim com o verbo ser.*

TODOS — *E o Verbo se fez carne e foi um de nós, e sempre será, em nós, um de nós.*

VOZ6 — *Carne sou, ouvindo, falando, tocando, sentindo, amando, querendo, pensando, vivendo, morrendo.*

TODOS — *E o Verbo habitou entre nós e nós vimos a sua glória.*

VOZ7 — *Carne que se forma, que nasce, que cresce e sorri, que fala, que cala, que anda, que pára; que beija, que abraça, que vibra, que chora; que ama, luta e trabalha.*

TODOS — *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.*

VOZ8 — *E vimos a sua glória e a sua misé-*

ria; o seu poder e a sua fraqueza; a sua alegria e as suas lágrimas; a sua grandeza e a sua pequenez; a sua riqueza e a sua pobreza.

TODOS — *E habitou entre nós, em nossas vitórias e em nossas derrotas; misturou-se com nosso pecado para nos salvar.*

LEITOR — Por isso esta festa é esta alegria. Mas, e os outros? Será que todos estão alegres e podem estar alegres assim? Continuemos a cantar “Não há, ó gente, ó não...”

TODOS — *Não há, ó gente, ó não, amor maior que um Deus irmão!* (bis) Se estamos juntos nesta festa de alegria, não esqueçamos, todavia, do sofrido nosso irmão, faminto, nu, cansado, pobre, perseguido, que não pode ver sentido quando ouve esta canção:

Não há, ó gente, ó não,... Para mostrarmos nosso amor, nossa amizade, proclamemos de verdade o sentido da canção:

Temos um Pai que a todos ama ternamente E, ao nosso irmão carente, estendamos nossa mão.

Não há, ó gente, ó não,...

LEITOR — Oremos a uma voz.

TODOS — *Senhor, aqui estamos nós na tua presença como família. Todos trabalhamos e lutamos pelo bem-estar. Neste momento queremos consagrarnossas famílias aos teus cuidados e amor. Queremos, sinceramente, que reine entre nós, hoje e sempre, um imenso e grande afeto para que as nossas casas sejam casas de amor. Ajuda-nos, Senhor, a servir uns aos outros; a acolher os que sofrem e choram; a rir com os que riem; a deixar nascer, neste Natal, em nós, o Espírito de Cristo. Amém.*

(B — Eucaristia)

LEITOR — Lembrando milhares de experiências de milhares de pessoas, de milhares de vozes, cantemos enquanto nos abraçamos e beijamos:

TODOS — *Noite de Paz! Noite de amor!*

Tudo dorme em derredor.

Entre os astros que espargem a luz, Proclamando o Menino Jesus,

Brilha a Estrela da Paz.

Noite de Paz! Noite de Amor!

Nas campinas, ao pastor,

Lindos anjos mandados por Deus

Anunciam a nova dos céus:

Nasce o bom Salvador!

Noite de Paz! Noite de Amor!

Oh! que belo resplendor!

Ilumina o Menino Jesus.

No presépio do mundo eis a luz,

Sol de eterno fulgor!

LEITOR — Que a paz da noite de Natal, a paz do Senhor, que excede a todo o nosso entendimento, reine em todos os corações, hoje e sempre!

TODOS — Amém!